

Risco-país cai 4,23% e se consolida abaixo da linha de 2.000 pontos

Patrícia Fortunato

De São Paulo

Em dia de baixo volume de negócios, devido a feriado bancário em Londres, os títulos de dívida externa brasileira transacionados no mercado secundário sustentaram a alta que saboreiam desde a semana passada. Ao final da segunda-feira, o C-Bond era negociado a US\$ 0,5940, em alta de 1,05%, e com prêmio de risco 1.663 pontos-base. O risco-país, medido pelo JP Morgan Chase, recuou 4,23% e fechou a 1.767 pontos-base.

A nota em que 16 bancos estrangeiros garantem que manterão o apoio ao Brasil agradou, mas ainda

são "palavras bonitas, que nada resolvem", relatou uma fonte. Já o diretor de tesouraria do Fator, Sérgio Machado, destaca que a "posição foi um pouco tímida, faltou alguma coisa mais consistente". Ainda assim, ele critica as análises, feitas na semana passada, de que a viagem dos dois "principais representantes da economia brasileira ao exterior" não traria frutos.

"Nenhum mandatário de um país do porte do Brasil vai até lá sem algo concreto", alfineta. Na avaliação de Machado, a melhora dos papéis é uma continuidade do otimismo que já vigorava na última semana, e cuja manutenção depende de novas e boas notícias, da melhora de percepção

do investidor estrangeiro em relação ao Brasil, que já não falaria mais em calote, e ao fato de o mercado passar por um ajuste emocional, necessário depois de um períodos de estresse.

Boatos, como já se tornou tradição, também circularam. Todos eles de conotação eleitoral, mas bastante variados. Entre operadores, surgiu a versão de que em pesquisas que devem sair hoje, o candidato da Frente Trabalhista, Ciro Gomes, caíra sete pontos percentuais, enquanto o tucano José Serra teria subido três. Em versão menos otimista, o ex-governador do Ceará teria recuado três pontos, enquanto Serra abocanhou um pontinho. Cir-

cularam ainda "notícias" de um placar em que Ciro teria 22% ou 19% e o tucano, 15%.

Depois de provocarem fortes alterações de ânimo, principalmente entre abril e julho, as pesquisas perdem força, pelo menos no discurso do mercado. Dos resultados "antecipados" ontem, só a confirmação de uma queda de sete pontos de Ciro promoveria grande comoção. E, se em próximos levantamentos, Serra não apresentasse mais consistência, tão pouco adiantaria a queda do pepessista. Há certo consenso de que os preços estão ainda muito baixos e que surpresa seria uma alta, puxada por uma expressiva melhora do tucano.